

SEMINÁRIOS IMAGÉTICA E CONEXÕES MUNDIAIS (a investigação em coordenação com os três ciclos de ensino superior)

Coordenação científica:

Maria Leonor García da Cruz (CHUL, Universidade de Lisboa, SGL) e Maria de Deus Beites Manso (CICP, Universidade de Évora). ml.garciacruz@gmail.com / mariadeusmanso@gmail.com

Organização:

Centro de História da Universidade de Lisboa (UID/4311/2025) / Estudos Imagética
Centro de Investigação em Ciência Política (UID/00758/2025/CICP)/Universidade de Évora e Universidade do Minho
Sociedade de Geografia de Lisboa – Secção Artes e Literatura, Secção de Estudos Luso-Árabes, Secção de História

XXVI CICLO DE PALESTRAS – Mulher: estudos e testemunhos

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 12 de Março de 2026, sessão por videoconferência, 14h (hora de Lisboa)

Seminários Imagética e Conexões Mundiais - Mulher - 12 Março - 14h Lisboa

<https://videoconf-colibri.zoom.us/j/96350015857?pwd=Q89aulQaAtr0gcLnIx5swVPTmPPMdd.1>

ID da reunião: 963 5001 5857 - Senha: 370962

Investigadores convidados:

JOSEPH ABRAHAM LEVI

Professor na George Washington University (Agosto 2010-).

Doutoramento em Filologia Românica/Linguística (Português, Italiano e Espanhol Medieval) pela University of Wisconsin-Madison.

Mestrado em Português e Mestrado em Italiano pela University of Wisconsin-Madison.

Licenciatura em Suáli, Estudos Africanos e Islâmicos pelo Istituto Universitario Orientale, Nápoles, Itália.

Licenciatura em Português e História dos Descobrimentos pela Universidade de Lisboa.

É autor de mais de duzentas publicações a abranger Estudos Africanos, Islâmicos, Lusófonos e Sefarditas.

Antes de Agosto de 2010 leccionou Língua Portuguesa, Culturas e Civilizações Lusófonas, Italiano, Estudos Africanos, Islâmicos, Medievais e Sefarditas — sendo também fundador de um instituto de língua portuguesa e culturas lusófona (Institute for Portuguese and Lusophone World Studies) e director de programas e departamentos — nas seguintes universidades: Universidade de São José (Macau), Hong-Kong University, Rhode Island College, University of Iowa, University of Georgia e University of Wisconsin-Madison.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1605-0980>

E-mail: josephlevi21@yahoo.com

TEMA DA PALESTRA

Pessoas de Terceiro Género no Império Português: Os Chibados do Ndongo e Áreas Circunvizinhas no Século XVII

Neste estudo, analisarei as dinâmicas dos Chibados, também conhecidos como Kimbandas/Quimbandas, Jinbandas e/ou Zvibandas¹, que floresceram antes e durante o século XVII no Ndongo e nas áreas circunvizinhas do território correspondente ao atual Angola — incluindo o enclave e província de Cabinda — que, em tempos pré-coloniais, integravam partes dos reinos de Kakongo (século XV-1885), Loango (c. 1550-c. 1883) e N'Goyo (século XV-1885)².

¹ Dependendo da língua de proveniência, bem como da pronúncia e da ortografia, de modo a acomodar a fonética do português e do italiano — dado que estas duas eram as línguas românicas mais comuns utilizadas pelos missionários no Império Português.

² O Reino do Kakongo situava-se ao longo da costa do território correspondente à atual República do Congo e ao enclave e província de Cabinda, em Angola. O Reino do Loango estendia-se entre a zona ocidental da atual República do Congo, o sul do Gabão e o enclave e

Nascidos biologicamente homens, os Chibados eram indivíduos que viveram a maior parte das suas vidas como mulheres trans, sem sofrerem estigmatização ou ostracismo. Pelo contrário, eram altamente estimados pelos membros das respetivas comunidades, pois chegaram a ocupar posições de prestígio (seculares e religiosas) nas classes superiores e na nobreza do Ndongo e das regiões adjacentes. De facto, constituíam uma casta específica dentro das suas sociedades.

É inegável que os Chibados, bem como os seus equivalentes linguísticos e culturais dispersos pelo mundo bantu, prosperaram em diversas culturas bantu, como se verifica em partes da atual República do Congo, República Democrática do Congo, Angola, Uganda e nas zonas bantu da Namíbia. Dada a fluidez das fronteiras em tempos pré-coloniais, existiam categorias semelhantes de indivíduos de terceiro género em áreas não bantu da África Ocidental, nomeadamente em culturas e sociedades pertencentes a grupos linguísticos atlântico-congo, níger-congo e chádicos, abrangendo territórios que vão desde partes do atual Senegal até regiões do atual Chade, Benim e Nigéria.

Os Chibados eram reconhecidos pelas suas capacidades psíquicas, que se acreditava derivarem de entidades femininas influentes que os possuíam e falavam através deles. Assim, a sua contribuição para a sociedade era considerada crucial para a manutenção da paz, da ordem e da prosperidade.

A chegada dos portugueses ao atual Gana e Nigéria (1471), ao Golfo da Guiné (1472), ao Gabão (1473) e a Angola (1482), na sua demanda pelas riquezas do Oriente, desencadeou uma transformação profunda nas dinâmicas dos reinos e áreas geográficas acima mencionados da África Ocidental, Central e Austral, nas suas inter-relações e na forma como interagiam com os portugueses que aí se estabeleceram, bem como com o restante espaço subsariano e além dele (nomeadamente a Ásia e o Sudeste Asiático).

Ao analisar textos ibéricos da época moderna (literários e visuais), este estudo examina como a chegada dos portugueses — acompanhados por missionários católicos — provocou igualmente uma alteração na perceção desta casta de indivíduos de terceiro género oriundos do Ndongo e de várias sociedades africanas ocidentais, centrais, orientais e meridionais (predominantemente bantu)³. Tal mudança refletiu-se tanto na visão de outros africanos como na de um número crescente de europeus que — em nome de uma nova religião importada de terras distantes — censuravam e questionavam a própria existência destes indivíduos, qualificando-a como “antinatural” e “diabólica” (sic), e apelando, consequentemente, à sua legítima extinção (sic).

Conceitos como “género”, “fluidez de género” e “sexualidade” vs. “heterossexualidade”, “cissexismo” e “heteronormatividade”, bem como a sua interligação com os domínios mais amplos de “império”, “religião” e “censura”, serão analisados no contexto da Ibéria do século XVII e dos seus impérios (em particular Portugal e o Império Português, 1415-2002), assim como das sociedades da África Ocidental, Central, Oriental e Austral.

Palavras-chave: cissexismo, heteronormatividade, género, fluidez, religião, (hetero)/homossexualidade

ROSÁRIO FRANCISCO

Rosário Francisco, nascida em Lisboa. Doutoramento em História Contemporânea pela Faculdade de Letras de Lisboa. Mestre em História Moderna e Contemporânea pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Mestre na área de Sociologia em Estudo Sobre as Mulheres: As Mulheres na Sociedade e na Cultura pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa.

Licenciatura em História pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Doutoranda na área de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal. Professora de História Básico do 2.º e 3.º Ciclo.

E-mail: rosariobelo francisco@gmail.com

provincia de Cabinda, em Angola. O Reino de N’Goyo localizava-se imediatamente a norte do rio Congo, no sul do atual enclave e provincia de Cabinda, em Angola, e na República do Congo.

³ Importa notar que paralelismos interessantes se encontram também nas culturas pré-bantu da África Austral e em partes da África Oriental (como no caso dos Hadza e dos Sandawe, na Tanzânia), nomeadamente entre os povos Khoekhoen e Sãn, coletivamente designados por Khoisan, ambos anteriormente conhecidos, embora de forma errónea, como Hotentotes e Bosquímanos, respetivamente.

TEMA DA PALESTRA

Poder, Violência e Vulnerabilidade: Mulheres, Crianças e o Espaço Virtual

O exercício de poder está subjacente a diferentes contextos e é, por vezes, difícil de identificar. Aquele ou aquela que exerce o poder direciona a sua ambição sobre a pessoa que estudou como mais “fraco”, e com características muito especiais.

As “vítimas” são envolvidas num jogo de sedução e numa abordagem discursiva com propostas aliantes, até mesmo gananciosas. É importante verificar em que circunstâncias o poder se manifesta na sociedade e na História.

A violência, é um tema, que necessita ser analisado sob diferentes perspectivas, com abordagens em áreas diversas, a fim de identificar factores que desencadeiam os actos de crueldade. Os investigadores recorrem frequentemente a esta problemática, expondo casos de estudo com factos concretos, numa tentativa de alertar para as causas e consequências nas vítimas. Não obstante, as campanhas de alerta e de prevenção, os índices de violência são efetivamente elevados.

A violência enquanto objeto de estudo, expõe diferentes vertentes, as mulheres são objetivamente as mais afetadas, a percentagem de crimes infantis é significativa, a violência sobre os idosos é igualmente uma problemática, que tem tendencialmente evoluído. Todavia, nos últimos anos, verificou-se um elevado número de vítimas do sexo masculino a denunciar episódios de violência em contexto familiar. Um dado importante, a acrescentar, as vítimas já não são apenas do grupo social com menores recursos, presentemente, a violência afeta todos os estratos sociais.

Direcionamos a nossa investigação para as diferentes formas de conceptualização de poder e de crime. Em Portugal, a problemática da violência doméstica, indicam as investigações, que os primeiros actos de agressão física e psicológica ocorrem em casa, e que, os autores são os maridos ou companheiros, seguindo-se pessoas sem ligações de parentesco. A preponderância como autor de violência doméstica recai sobre o género masculino com uma percentagem de 81,5 %, logo depois surgem as mulheres com uma taxa de 18,5%.

No contexto familiar e no círculo de amizades, gradualmente são identificadas situações de domínio e de poder sobre crianças e jovens. Vivemos conectados com o mundo virtual, a globalização é apelativa, basta um clique e somos bombardeados com todo o género de conteúdos- informação, laser, música, literatura, entre outros. As grandes indústrias criam e divulgam mensagens para um nicho específico de público, sobre as quais nem sempre existe um controlo ou fiscalização rigoroso. Criaram-se novos métodos de propagar a violência, uma ideologia que molda a interpretação da realidade e orienta as ações sociais, políticas e económicas de indivíduos ou grupos. A segurança atualmente é muito subjetiva, ninguém está totalmente livre de ser alvo de atos de violência. Existe então uma patologia do poder? É, efetivamente, uma problemática para a qual pretendemos encontrar respostas.

Assiste-se à banalização da morte, da criminalidade, da violência, numa sociedade inclusiva no mundo virtual e globalizado, emergem novos actores sociais e novas perspectivas de violência, com as quais as autoridades e os tribunais demonstram dificuldade significativas em controlar, bem como aplicar a lei e a justiça.

Palavras-chave: Poder, Violência, feminicídio, História das Mulheres, Espaço virtual.

PATRICIA MORENO

Percorso académico

Doutoramento em História Moderna e Contemporânea – ISCTE- IUL, 2019

“Médicos em Lisboa – alunos da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa 1837-1889”

Mestrado em História Moderna e Contemporânea – ISCTE-IUL, 1998

“Pasteur em Portugal – Ecos da sua obra no século XIX”

Licenciatura em História – FCSH – UNL

Percorso profissional

Sócia-gerente de Patrimor – Agenda de dados e realizações culturais Lda

Associativismo

Sócia da Sociedade de Geografia de Lisboa e atualmente Presidente da Secção de História

E-mail: patricia.moreno.sg@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

Testemunhos...

Testemunho de uma vida. Razões e decisões de um percurso profissional fora da academia ou do professorado e suas consequências.

Conciliação entre vida profissional e familiar o que mudou e o que se mantém.

Esboçar de uma nova atitude na evocação do “8 de março” nas sociedades europeias.

BÁRBARA HENRIQUES

Bárbara Cristina Terry Pereira Henriques nasceu em 28 de março de 1954.

Formada inicialmente em Finanças pelo Instituto Superior de Economia de Lisboa em 1976, construiu uma carreira sólida como professora e economista, mas cedo alargou horizontes ao jornalismo, à fotografia e, mais tarde, ao cinema. Ao longo de quatro décadas de atividade, transitou entre a análise económica, a docência e a escrita jornalística — áreas onde sempre procurou observar o mundo com atenção crítica e humanista.

O cinema surge como uma síntese natural desta trajetória: a escrita, a reflexão e o olhar sobre os outros transformam-se em imagem e narrativa. Em 2010, realizou *Hollywood* na EICTV (Cuba), uma primeira experiência académica que a aproximou do universo documental e da ficção breve. O seu projeto *Rede Social Anónima* (2019), selecionado para o programa “A Quatro Mãos”, revelou já o interesse por histórias de identidade e pertença, dando origem à curta ***Eu Estou Aqui* (2022), produzida pela OPTEC com apoio do ICA.** O filme estreou internacionalmente na Cinemateca de Seul, no KIEFF, e foi exibido em cineclubes, festivais nacionais, nomeadamente em “Caminhos do Cinema Português”, na Cinemateca Portuguesa e em televisão (RTP2 e RTP Play).

Hoje, Bárbara Henriques prossegue uma investigação artística centrada na memória e na identidade, explorando o cinema como território de encontro entre experiência pessoal, inquietação social e expressão poética.

E-mail: barbara.henriques54@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

Entre o Cinema-Ensaio e a Latrinália Feminina — Escrita, Corpo e Resistência

Eu Estou Aqui é um documentário-ensaio que investiga os escritos anónimos nas casas de banho públicas femininas enquanto prática simbólica de resistência, construção identitária e expressão política. Partindo do conceito de latrinália — designação atribuída aos textos e desenhos encontrados em casas de banho públicas — o filme propõe uma leitura desses espaços como territórios paradoxais: simultaneamente íntimos e públicos, marginais e centrais na experiência feminina.

Através de uma metodologia próxima da etnografia visual e do cinema autobiográfico, a narrativa articula três temporalidades — passado, presente e futuro — cruzando imagens de arquivo familiar com registos contemporâneos dos escritos e testemunhos em áudio de mulheres que interagem com esses espaços. A recusa do formato jornalístico tradicional e da narração explicativa inscreve o filme no território do cinema-ensaio, permitindo que a imagem, o som e o silêncio construam uma experiência interpretativa aberta.

Os escritos revelam padrões temáticos recorrentes: violência sexual, desigualdade de género, repressão da sexualidade feminina, homossexualidade, frustração afetiva e contestação política. Inspirando-se em autores

como Alan Dundes (estudos sobre latrinália), Marc Augé (não-lugares) e Judith Butler (construção social de género), o filme questiona a relação entre linguagem, corpo e poder.

Simultaneamente, assume uma dimensão autorreflexiva: a realizadora reconhece-se nas vozes anónimas que escrevem nas paredes, compreendendo que o gesto aparentemente individual é, na verdade, coletivo. O título *Eu Estou Aqui* afirma presença num espaço historicamente marcado pelo silenciamento feminino. O ato de escrever torna-se, assim, inscrição de existência — uma forma de resistência simbólica e de procura de pertença.

Palavras-chave: Latrinália, Cinema-ensaio, Feminismo, Identidade, Espaço público

FERNANDA DURÃO

Natural de Lisboa. Curso de Jornalismo do CENJOR. Experiência como jornalista: Colaboração em jornais e revistas como: "Exame"; "Valor"; "Expresso"; "Pública"; "Notícias Magazine", etc.

Publicações na área da investigação histórica: "As Fontes Portuguesas de Robinson Crusoe"; - "O Estilo Gondar - subsídios para o estudo da sua origem" (onde se prova que este enigmático estilo dos palácios da Etiópia tem origem no design de uma igreja de Goa). Editora Contraponto; - "Gomes de Santo Estêvão e o Livro de D. Pedro". Editora Contraponto; - "A Terceira Atlântida". Editora Zéfiro (as tradições populares da Ilha Terceira com possível origem na Atlântida).

Na área da Geoglifia - investigação de lugares históricos baseada em fotografias de satélite da Google Maps: www.nileriverdeviation.com - www.estrelaserradosdeuses.com - www.viriatodasestrelas.com - www.sudoestevistodoceu.com - www.selvagemgrandepetratlantica.com - www.viriatodasestrelas.com - etc

Como designer: autoria de posters para filmes como "Eu Estou Aqui" de Bárbara Henriques e de 10 cartazes sobre Violência Doméstica para uma exposição no Palácio Galveias em Novembro 2025.

Colaboração na Secção de História da Sociedade de Geografia de Lisboa.

E-mail: sortelha8@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

O Cartaz como meio de divulgação de uma ideia ou de um conceito

Escolhi dois cartazes que compus e uma fotografia que tirei para ilustrar a condição de 3 mulheres como pessoas sem acesso à Liberdade e aos Direitos Humanos:

Narges Mohammadi, ativista pelos Direitos Humanos – Prémio Nobel da Paz em 2023 – condenada a 12 anos de prisão por denunciar a condição ultrajante como são tratadas as mulheres nas prisões do Irão;

Mahsa Amin, assassinada por usar o véu islâmico numa maneira que não agradou à polícia de costumes de Teherão;

A Pastora do Emirato da Fugeira.

Estes 3 exemplos são apenas a ponta de um imenso iceberg que se estende por vários continentes onde as mulheres são vítimas de um sistema religioso, social e estatal, a que eu chamo: "Escravidão de Género".

Contactos: ver Coordenação

Informações sobre palestras anteriores: <https://sites.google.com/site/imagetica0flul/>